



A INFLUÊNCIA DAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS NOS PROCESSOS DE CONVERSÃO DE PESSOAS *QUEER*

LA INFLUENCIA DE LAS INSTITUCIONES RELIGIOSAS EN LOS PROCESOS DE
CONVERSIÓN DE LAS PERSONAS *QUEER*

THE INFLUENCE OF RELIGIOUS INSTITUTIONS ON THE CONVERSION
PROCESSES OF *QUEER* PEOPLE

Samuel Fernandes Silva¹
Gabriel Gustavo Lopes Silveira²
Maria Clara Pires³
Laura Reichert Dalcin⁴

RESUMO: Esse artigo buscou entender qual é a influência das instituições religiosas nos processos de conversão de pessoas *queer*. Para isso, durante o mês de setembro de 2024, foram entrevistadas quatro pessoas *queer* que frequentam instituições religiosas. A pesquisa revelou que instituições religiosas, especialmente igrejas evangélicas, exercem forte pressão sobre pessoas *queer* por meio de discursos de medo, culpa e punição, promovendo práticas de conversão que geram profundos danos psicológicos e sociais. Os relatos evidenciam que, apesar do sofrimento, alguns indivíduos conseguem ressignificar sua espiritualidade de forma autônoma e acolhedora, enquanto outros rompem completamente com a religião institucionalizada. A pesquisa é relevante por dar visibilidade aos impactos da conversão religiosa em pessoas *queer* e por promover o debate sobre os direitos, a saúde mental e a dignidade dessa população.

PALAVRAS-CHAVE: *Queer*; Conversão Sexual; Terapias de Conversão Religiosa; “Cura Gay”; Sexualidade.

RESUMEN: Este artículo pretendía comprender la influencia de las instituciones religiosas en los procesos de conversión de las personas *queer*. Para ello, se entrevistó a cuatro personas *queer* que asisten a instituciones religiosas durante el mes de septiembre de 2024. La investigación reveló que las instituciones religiosas, especialmente las iglesias evangélicas, ejercen una fuerte presión sobre las personas *queer* a través de discursos de miedo, culpa y castigo, promoviendo prácticas de conversión que generan profundos daños psicológicos y sociales. Los informes muestran que, a pesar del sufrimiento, algunos individuos consiguen resignificar su espiritualidad de forma autónoma y acogedora, mientras que otros rompen completamente con la religión institucionalizada. La investigación es relevante para dar visibilidad a los impactos de la conversión religiosa en las personas *queer* y para promover el debate sobre los derechos, la salud mental y la dignidad de esta población.

PALABRAS CLAVE: *Queer*; Conversión Sexual; Terapias Religiosas de Conversión; “Cura Gay”; Sexualidad

ABSTRACT: This article sought to understand the influence of religious institutions on the conversion processes of *queer* people. To this end, four *queer* people who attend religious institutions were interviewed during the month of September 2024. The research revealed that religious institutions, especially evangelical churches, exert strong pressure on *queer* people through discourses of fear, guilt and punishment, promoting conversion practices that generate deep psychological and social damage. The reports show that, despite the suffering, some individuals manage to resignify their spirituality in an autonomous and welcoming way, while others completely break with institutionalised religion. The research is relevant for giving visibility to the impacts of religious conversion on *queer* people and for promoting debate on the rights, mental health and dignity of this population.

KEYWORDS: *Queer*; Sexual Conversion; Religious Conversion Therapies; ‘Gay Cure’; Sexuality.

¹ Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. samfer7171@gmail.com

² Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
gabrielgustavolopessilveira@gmail.com

³ Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. mariacrapires58@gmail.com

⁴ Professora da PUC Minas. Mestre em Psicologia pela PUC Minas. Especialista em Saúde Mental pelo Grupo Hospitalar Conceição-RS. lauradalcin9@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este artigo investiga o papel das instituições religiosas no processo de conversão de pessoas queer. O objetivo central é compreender como essas instituições atuam e influenciam as experiências de conversão, analisando os impactos que exercem sobre a vivência e a subjetividade dessas pessoas.

Tendo em vista as disputas em torno das terminologias utilizadas no campo dos estudos de gênero e sexualidade, faz-se importante esclarecer a escolha dos termos adotados neste texto. Opta-se pelo uso da sigla LGBTQIAPN+ por reconhecê-la como uma das formas mais abrangentes e politicamente afirmadas no contexto brasileiro contemporâneo, além de contemplar diferentes identidades que compõem a diversidade sexual e de gênero. Do mesmo modo, utiliza-se o termo “queer” compreendendo-o como uma categoria teórico-política que, embora de origem inglesa e historicamente marcada por sentidos pejorativos, foi ressignificada pela própria comunidade e vem sendo apropriada no Brasil como identidade crítica, fluida e não normativa. Assim, a adoção desses termos visa situar o leitor quanto às escolhas conceituais que orientam esta pesquisa.

Dessa forma, para compreender a origem da palavra queer, é necessário reconhecer que seu significado é multifacetado e segue em constante transformação, acompanhando a evolução das compreensões sobre sexualidade e identidade de gênero. “Queer”, que traduzido para o português fica: “estranho”, “esquisito”, “excêntrico”, é uma palavra de origem inglesa, que sempre teve uma conotação negativa e era utilizada como forma de insulto para pessoas LGBTQIAPN+. Com o tempo, esse termo veio a ser ressignificado pela própria comunidade e agora refere-se a pessoas que estão fora das normas fixas de gênero e sexualidade. Essa ressignificação reflete um movimento de empoderamento e afirmação da diversidade de experiências dentro da comunidade (Segwick, 1990).

Desde a infância, muitas crianças que fogem dos padrões normativos sofrem diariamente com um mal-estar que nem sempre conseguem nomear, reprimindo seus gestos e punindo a própria forma de ser. Esse fenômeno, conhecido como “conversão queer”, busca aniquilar a diversidade da população LGBTQIAPN+, pressionando essas pessoas a se adequarem aos padrões cisgêneros e heterossexuais.

Segundo escritos teológicos, o significado do termo conversão remete a ideia de um processo de renascimento do ser e de ressurgimento do espírito para um processo evolutivo superior e completamente renovado. Nas palavras de Gomes (2011, p. 158) com a conversão é possível “transformar a cosmovisão do sujeito, mudar a identidade do converso e alterar sua

relação com a realidade e o mundo.” No entanto, segundo o mesmo autor, a principal transformação que acontece na essência da pessoa que passou pela conversão parece estar relacionada às suas percepções sobre Deus, sobre si mesma e sobre o mundo.

De acordo com o artigo de Antônio Araújo Gomes (2011) intitulado: Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião, há diversos pontos de vista teóricos sobre como se dá o conceito de conversão e a partir desses pontos, como se dá o seu processo. Aplicando a visão teológica desse ponto de vista, a conversão é vista apenas como uma medida central, a passagem do ser por uma lavagem de identidade. Sendo assim, convertendo-se, o ser humano decide renunciar a tudo aquilo que fazia parte de quem ele era.

Ao aplicar o conceito de conversão religiosa ao contexto das pessoas queer, nota-se que ele não se adequa, sobretudo por tratar-se, na maioria das vezes, de um processo imposto e induzido. Ser queer não é uma escolha, mas um caminho de autodescoberta e reconhecimento. Por isso, não faz sentido esperar uma “mudança espiritual” completa capaz de alterar uma identidade que é parte intrínseca do sujeito (Butler, 1993).

Segundo, o processo de conversão religiosa é uma decisão, que por muitas vezes atrai pessoas queer, já que traz a promessa de felicidade, fazendo com que essas pessoas renunciem quem são, por demandas ideológicas. Entende-se que este seja um processo extremamente prejudicial, que afeta diretamente a saúde mental e física desses indivíduos que são forçados a agir de forma incompatível com sua própria identidade.

A abordagem de conversão, frequentemente promovida por algumas instituições religiosas, baseia-se na compreensão de que a homossexualidade e a transexualidade são escolhas ou desvios passíveis de correção. No entanto, atualmente se reconhece que a orientação sexual e a identidade de gênero são características intrínsecas e não opções. As instituições religiosas costumam basear-se em interpretações fundamentalistas de textos sagrados para legitimar a rejeição e a marginalização de pessoas queer, difundindo a ideia de que essas pessoas são pecadoras e fizeram uma escolha moralmente condenável.

De acordo com a experiência de um dos participantes dessa pesquisa, frequentador de uma igreja protestante, há uma forte repressão de qualquer tipo de comportamento que se desvie das normas religiosas. Essa prática é extremamente agressiva, causando um sofrimento nos jovens da comunidade LGBTQIAPN+ que frequentam essas instituições, levando ao afastamento desses espaços.

Sendo assim, a abordagem de conversão alimenta uma cultura que perpetua estigmas e preconceitos em relação à comunidade LGBTQIAPN+, já que a sociedade é marcada por

normas e expectativas heteronormativas, que reforçam a ideia de que a heterossexualidade é a única orientação sexual válida. Essas normas podem levar esses indivíduos com sexualidades e identidades de gêneros divergentes a internalizarem sentimentos de inadequação em relação à sua própria identidade para se encaixarem nas expectativas sociais dominantes, causando assim grande sofrimento psicossocial. Nesse contexto, a abordagem de conversão surge como uma tentativa da sociedade de perpetuar a marginalização e o estigma contra pessoas queer.

Diante do exposto, a presente pesquisa destaca a necessidade urgente de discutir a problemática da conversão queer dentro das instituições religiosas, um tema que, apesar de relevante, é frequentemente negligenciado e tratado como tabu, principalmente por estar associado à religião.

A relevância social desta pesquisa reside em sua contribuição para dar visibilidade a formas de violência simbólica, psicológica e institucional sofridas por pessoas queer no contexto religioso, especialmente em ambientes onde ainda predominam discursos conservadores e excludentes. Ao evidenciar os impactos negativos dos processos de conversão religiosa na saúde mental, na autoestima e nas relações sociais dessas pessoas, o estudo fortalece a luta por direitos humanos, respeito à diversidade sexual e de gênero e promoção da saúde emocional.

Além disso, ao trazer à tona experiências muitas vezes silenciadas, a pesquisa busca promover o debate público sobre a necessidade de regulamentar e coibir práticas de conversão, contribuindo para a construção de uma sociedade mais acolhedora, inclusiva e comprometida com a dignidade de todos os sujeitos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Trata-se, portanto, de um instrumento importante para informar políticas públicas, formar profissionais mais sensíveis ao tema e estimular espaços religiosos e sociais mais seguros e humanizados para a população LGBTQIAPN+.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa. Durante o mês de setembro de 2024, foram entrevistadas quatro pessoas queer que frequentam/frequentavam instituições religiosas, selecionadas a partir da rede de contato dos pesquisadores, considerando indivíduos previamente conhecidos que atendiam aos critérios estabelecidos para a entrevista. Os critérios para seleção dos participantes foram: ser uma pessoa queer, já ter feito, ou fazer parte de uma instituição religiosa, ter sofrido algum tipo de discriminação ou preconceito por conta de sua sexualidade, ou identidade de gênero e ter sido apresentado ao conceito de conversão sexual.

Para a condução das entrevistas, elaborou-se um roteiro semiestruturado (Anexo A), que contemplou temas como a pressão exercida por instituições religiosas, processo de conversão e os impactos psicológicos resultantes de vivências dentro dessas instituições. Foram convidados oito potenciais participantes, dos quais quatro aceitaram colaborar com o estudo. Para preservar o anonimato, cada pessoa foi identificada por um nome fictício inspirado em borboletas: Apolo, Rubi, Monarca e Papilio.

A escolha do roteiro semiestruturado como instrumento de coleta de dados se deve à necessidade de equilibrar a orientação temática da pesquisa com a flexibilidade para captar as narrativas individuais dos participantes. Esse instrumento permite explorar aspectos centrais da conversão religiosa e das experiências de pessoas queer, garantindo que percepções e vivências sensíveis sejam registradas de forma detalhada. A análise de conteúdo, combinando categorias definidas a priori e a posteriori, assegura rigor interpretativo, articulando fundamentos teóricos e significados emergentes das falas, conferindo validade e profundidade às inferências realizadas a partir do material empírico.

As entrevistas foram realizadas individualmente por meio da plataforma Google Meet, com duração média de uma hora cada. Nesses encontros, foram coletados dados sociodemográficos, como raça, sexualidade, idade e nível de escolaridade. Na tabela 1 são apresentados os dados sociodemográficos dos participantes.

Tabela 1 - Entrevistados

Nome	Idade	Moradia	Raça	Escolaridade	Renda S-M	Sexualidade	Gênero
Apolo	19	Coimbra, PT	Pardo	Ensino Médio Completo	3-6	Bissexual	Masculino
Rubi	18	Belo Horizonte, MG	Branco	Ensino Médio Incompleto	3-6	Bissexual	Feminino
Monarca	19	Goiás, GO	Branco	Ensino Médio Completo	1-3	Gay	Não-binário
Papilio	26	Palmas, TO	Branco	Ensino Superior Incompleto	1-3	Gay	Masculino

Fonte: elaborada pelos autores com base nos dados das entrevistadas/os.

Legenda: Atributos da/os entrevistada/os no estudo. SM: salário-mínimo.

Considerado o valor de salário-mínimo de R\$ 1.412, conforme Governo Federal (2024).

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, mediante autorização prévia, e posteriormente transcritas na íntegra para possibilitar uma análise aprofundada do conteúdo obtido. Antes do início da coleta de dados, os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos metodológicos envolvidos, os riscos e

benefícios esperados, bem como seus direitos enquanto participantes. Foi assegurado a todos o anonimato e a confidencialidade das informações fornecidas, reforçando que poderiam interromper sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, caso se sentissem desconfortáveis durante a entrevista. Após esse esclarecimento, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que orienta pesquisas envolvendo seres humanos na área das ciências humanas e sociais. Além das narrativas qualitativas, também foram coletadas informações sociodemográficas, como idade, raça, local de moradia, escolaridade, renda, identidade de gênero e orientação sexual, com o objetivo de contextualizar os perfis dos entrevistados e enriquecer a análise interpretativa dos dados. Para analisar os dados obtidos com as entrevistas foi realizada uma análise de conteúdo, que:

[..] é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1994, p.72).

Optou-se por adotar uma análise de conteúdo do tipo mista, considerando que as categorias analíticas foram definidas tanto a priori, com base nos eixos temáticos previstos no roteiro semiestruturado de entrevista, quanto a posteriori, a partir da emergência de sentidos e significados identificados nas falas dos participantes durante o processo de interpretação do material empírico. Inicialmente, foi realizada uma leitura flutuante das transcrições, conforme proposto por Bardin (1994), com o objetivo de permitir o reconhecimento de padrões, recorrências e nuances discursivas que orientassem a estruturação de um plano de análise coerente com os objetivos da pesquisa. Como resultado desse processo interpretativo, foram construídas três categorias principais de análise: (1) Inferno, perdão e misericórdia; (2) Religiosidade versus espiritualidade; e (3) Pressão religiosa e os processos de conversão. Essas categorias serviram de base para a discussão dos dados, permitindo a compreensão aprofundada das experiências subjetivas relatadas pelas pessoas queer entrevistadas.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Inferno, Perdão e Misericórdia

Das quatro pessoas entrevistadas, duas participaram diretamente de processos de conversão religiosa, sendo elas Apolo e Papilio, enquanto as outras duas, Monarca e Rubi, não vivenciaram esses processos de forma direta, mas relataram ter sido expostas a discursos e práticas religiosas que promoviam a conversão e causaram impactos indiretos em suas vidas.

Logo, em praticamente todos os relatos, a imagem do inferno evocada por líderes religiosos durante suas vivências dentro das instituições, aparece profundamente associada a sentimentos de medo e ansiedade. Para Sigmund Freud (1927), a religião pode ser entendida como uma neurose coletiva repressora, que desperta culpa nos sujeitos quando estes rompem com os padrões morais e culturais estabelecidos. Sob essa perspectiva, a ideia do inferno funciona como um poderoso instrumento de controle, impondo normas que condenam a sexualidade e a identidade queer, e produzindo, assim, feridas emocionais profundas.

Essa compreensão do que é o inferno pode ser identificada na fala de Apolo, que relata:

[...] Eu nasci em um lar evangélico, então desde sempre eu tive muito contato com isso, eu tinha essa visão de um Deus distante, de uma pessoa distante, de enfim, de um velhinho soberano, que fica com um chicote pra mim, e que ia me mandar pro inferno [...] (SIC)

Esse medo inicial foi associado a um contexto familiar conservador, que reforçava as noções de punição divina por comportamentos e identidades fora da heteronormatividade. Monarca, embora não tenha sido diretamente exposta à ideia de punição no inferno de forma tão explícita, descreve o ambiente da igreja como algo desconfortável e cheio de pregações preconceituosas. Essa ideia de controle e repressão moral encontra paralelo em teóricos como Michel Foucault (1976), que discute como as instituições religiosas e sociais utilizam conceitos de punição e pecado para regular corpos e desejos, especialmente os que fogem às normas desejadas. A exposição de imposições rígidas sobre o certo e o errado, sem espaço para a diversidade sexual, também ecoa uma forma de opressão moral similar ao medo do inferno sentido por outros entrevistados.

A busca pelo perdão é uma categoria que aparece nos relatos de forma complexa, muitas vezes interligada ao sentimento de culpa que os entrevistados carregam por sua identidade *queer*. Em alguns casos, o perdão é visto como uma forma de tentar se conformar à preceitos

religiosos, enquanto em outros ele representa uma transformação espiritual mais profunda, como é possível visualizar na seguinte fala de Rubi:

[...] Eu passei uma época, como tava perto da época da pandemia, eu passei muito tempo em casa, aí eu já tava ficando mais doida por causa disso, então eu passei muito tempo implorando pra ser não ser assim, sabe? pra Deus, eu não quero ser assim, tentando fazer eu não ser aquilo que eu era [...] (SIC)

Essa súplica reflete a busca por perdão, pois ela acreditava que sua sexualidade era algo condenável e que precisava ser corrigido. A tentativa de renunciar à própria identidade evidencia a profunda internalização da culpa religiosa. Foucault (1979), em *Microfísica do Poder*, analisa como as instituições religiosas regulam o desejo e alimentam sentimentos autopunitivos. Para o autor, o perdão surge, nesse contexto, como um meio de atenuar o peso da condenação que a própria religião impõe e que a pessoa carrega consigo.

A misericórdia, especialmente a divina, surge como contraponto ao medo e à culpa. Para alguns entrevistados, ela representa um caminho de libertação e aceitação, possibilitando a reconciliação entre sua própria identidade e sua fé.

Os relatos evidenciam uma profunda relação entre o inferno, o perdão e a misericórdia, entrelaçando-se às trajetórias pessoais. Para o historiador Jean Delumeau (2009), o inferno constitui a expressão máxima do medo e funciona como uma ferramenta para provocar temor e garantir conformidade religiosa. Segundo o autor, o medo da condenação eterna é um dos instrumentos mais eficazes para assegurar o controle social e religioso. Nesse sentido, o perdão aparece tanto como uma estratégia para reforçar essa conformidade quanto como uma possibilidade de libertação espiritual, a depender da vivência e do processo individual de cada entrevistado.

3.2 Religiosidade x Espiritualidade

Apolo expressa uma relação pessoal e profunda com as instituições e a espiritualidade, mas se vê como alguém mais espiritual do que estritamente religioso. Ele se identifica como evangélico e cristão, mas enfatiza que sua fé não se baseia apenas em práticas religiosas formais, e sim em algo mais essencial que transformou sua maneira de ver o mundo. Com o tempo, Apolo começou a ver a existência humana de outra forma, entendendo que somos mais do que apenas corpo físico, mas que somos também alma e espírito. Ele sugere que alcançar

uma harmonia entre essas partes é fundamental para o bem-estar. Quando falta esse equilíbrio, tudo tende a "desandar" ou perder o controle.

Para Apolo, a espiritualidade transcende a dimensão material e imediata da existência, implicando uma conexão com algo maior e o cuidado que vai além do corpo físico. Essa concepção constitui o alicerce de sua prática cristã, funcionando como uma fonte viva de fé que ultrapassa os limites da religiosidade tradicional. Tal distinção entre religiosidade e espiritualidade torna-se evidente em seu relato: “[...] me vejo como uma pessoa cristã, pratico o cristianismo, só que eu sou uma pessoa muito espiritual, e não muito religiosa, não é sobre a religiosidade em si, e como isso me transformou [...] (SIC)”.

Em contraponto a esses conceitos, Monarca compartilha uma trajetória marcada pelo desenvolvimento de um ceticismo em relação a valores impostos externamente, especialmente aqueles que não ressoavam com sua identidade. Ela relata: “[...] eu entendi que não me identifico com o conceito de religião e escolhi viver pelas minhas próprias regras e valores.” (SIC).

Monarca reconhece ter enfrentado dificuldades para se compreender e se aceitar, sobretudo diante da consciência de que sua identidade não seria acolhida pelos pais. Essa situação, apesar de gerar tristeza, também fomentou uma busca interna que a motivou a traçar um caminho próprio, fundamentado em seus valores pessoais. Ao perceber sua desconexão com o conceito de religião formal, essa autorreflexão conduziu-a à decisão de viver conforme suas próprias regras, optando por construir uma existência orientada por princípios individuais, em vez de seguir um sistema de crenças preestabelecido.

William James, no clássico “As Variedades da Experiência Religiosa” (1902), faz uma distinção entre a espiritualidade pessoal e as práticas religiosas organizadas. Ele argumenta que a religiosidade tende a estar ligada às tradições institucionais e doutrinas, enquanto a espiritualidade trata sobre a experiência individual do sujeito com o divino. Apolo é quem mais expressa essa oposição significativa em sua visão sobre a religiosidade. Inicialmente, ele acreditava em um Deus distante, mas com o tempo, ele passou a ver Deus como uma figura misericordiosa, que o ama e o aceita, independentemente de sua sexualidade. Apolo menciona que, ao conhecer Jesus de forma mais espiritual, ele foi capaz de ver a religião sob uma nova perspectiva, uma que se baseia no amor e na compaixão. A espiritualidade, para ele, está associada à libertação do medo e à aceitação de quem ele é, sem a pressão da condenação. Em contraponto, Monarca rejeita a ideia de religião e, portanto, a noção de religiosidade também não aparece em seu relato. Sua jornada espiritual é marcada pelo afastamento de qualquer

conceito tradicional de fé, perdão ou misericórdia, escolhendo viver de acordo com suas próprias regras.

3.3 Pressão religiosa e os processos de conversão

Os entrevistados relatam que as igrejas impõem normas rígidas, sobretudo no que diz respeito à sexualidade. Dessa forma, as identidades queer são frequentemente desafiadas por meio de ultimatoss emitidos por líderes religiosos.

Em um dos casos, Papilio foi pressionado a optar entre revelar publicamente sua orientação sexual e deixar a igreja, ou permanecer na instituição adotando o celibato. O prazo para essa decisão foi estipulado em uma semana, provocando intensa ansiedade e angústia. Ademais, a participação em atividades sociais ou culturais fora do ambiente eclesiástico era vista como uma ameaça à fé, restringindo, assim, o contato dos entrevistados com outras comunidades.

Monarca e Rubi também relatam as pressões religiosas exercidas por meio da exposição à conteúdos discriminatórios. Monarca conta que foi forçada a assistir pregações com temáticas homofóbicas, enquanto Rubi refere ter presenciado em inúmeras situações comentários preconceituosos e degradantes. Nas palavras dela, ouvia coisas horríveis, que lhe provocavam intensa ansiedade. Após assumirem suas identidades, alguns entrevistados relataram o afastamento de amigos pertencentes à igreja. Em determinados casos, amizades de longa data foram encerradas de forma abrupta. Esse contexto evidencia que a recusa em seguir as normas institucionais resultou em exclusão social e marginalização, frequentemente reforçadas por discursos moralistas em conversas recorrentes, cujo objetivo era questionar a identidade dos entrevistados ou orientá-los a seguir trajetórias específicas dentro da fé. Esses episódios também foram relatados como experiências hostis pelos participantes.

Em um episódio especialmente marcante de sua trajetória, Papilio relatou ter sido submetido a um retiro espiritual promovido por uma igreja evangélica, realizado em uma fazenda isolada, durante um final de semana. Segundo seu relato, a experiência foi caracterizada por um conjunto de práticas coercitivas, emocionalmente intensas e psicologicamente desgastantes, configurando um ambiente hostil travestido de intervenção espiritual. As atividades incluíam longos períodos de orações coletivas, pregações ininterruptas e dinâmicas grupais que, além de exigirem entrega física e emocional, resultaram em profundo cansaço físico e mental.

A ausência deliberada de contato externo, como acesso à comunicação com familiares ou ao mundo exterior, contribuiu significativamente para a sensação de isolamento forçado e vulnerabilidade emocional. Entre as práticas adotadas, destacava-se o preenchimento de fichas individuais, nas quais os participantes deveriam listar seus “pecados”, sendo a homossexualidade explicitamente mencionada como um deles. Essas fichas eram posteriormente queimadas em rituais simbólicos de “purificação espiritual”, acompanhados de encenações dramáticas nas quais determinados comportamentos, como expressões de afeto entre pessoas do mesmo sexo ou não conformidade de gênero, eram associados à presença de demônios ou influências malignas.

Papilio descreveu esses rituais como profundamente perturbadores, pois promoviam um ambiente carregado de medo, culpa e vergonha, intensificando a repressão identitária e a autodepreciação. A narrativa revela não apenas a natureza abusiva da prática, mas também o uso da espiritualidade como mecanismo de controle e apagamento de subjetividades dissidentes, operando sob o discurso da “cura” e da moral religiosa. Tais experiências reforçam a urgência de uma crítica pública às chamadas “terapias espirituais de conversão”, que continuam sendo aplicadas em contextos de vulnerabilidade sob a justificativa da fé. O relato de Papilio é carregado de sofrimento, como é possível identificar nesse trecho da entrevista:

Nossa, foi tudo muito, muito, muito, muito intenso. Eu estava muito cansado. Eu estava sentindo muita falta da minha casa, da minha vida. Eu ficava o tempo todo pensando, Meu Deus, por que eu não fiquei na minha casa? Por que eu só fui vir para cá? Parecia que não acabava nunca. (SIC)

Richard Isay, psiquiatra e psicanalista, foi um dos pioneiros em falar abertamente contra as práticas de terapia de conversão. Em seu livro “Being Homosexual” (1989), Isay argumenta que tentar alterar a orientação sexual de uma pessoa não é apenas prejudicial, mas também é baseado em conceitos equivocados e ultrapassados sobre a homossexualidade. No livro, Isay discute o impacto psicológico da repressão da orientação sexual, especialmente em uma sociedade que, historicamente, patologizou a homossexualidade. O autor descreve como muitos indivíduos internalizaram sentimentos de vergonha e autodepreciação devido à pressão social e familiar para manter o padrão heteronormativo. Essas pressões, segundo ele, levam a problemas de saúde mental devido à dificuldade de autoaceitação, especialmente quando há tentativas de reprimir ou “curar” a homossexualidade por meio de práticas terapêuticas.

Apolo, que também passou pela experiência da terapia de conversão, compartilha do mesmo sentimento de estresse e descreve essa experiência como um período de guerra, tanto

externa quanto interna. No entanto, foi durante esse processo que Apolo teve um encontro espiritual que o ajudou a aceitar sua orientação sexual, não como uma negação de sua identidade, mas como uma forma de reconciliação e reivindicação por meio desta conexão espiritual sentida pelo entrevistado.

As terapias de conversão não aparecem no relato dos outros entrevistados, embora todos tenham sido apresentados a essas práticas em algum momento, por meio de discursos ou recomendações das comunidades religiosas. Apesar de não vivenciarem diretamente os processos de conversão, ambos relatam sentir os impactos indiretos dessas práticas, seja por meio do ambiente de repressão, das pregações moralistas ou da constante tentativa de moldar suas identidades para atender às expectativas religiosas.

Todas as instituições religiosas mencionadas pelos entrevistados pertencem ao cristianismo, com predominância de igrejas evangélicas. Butler (2015), em sua obra *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?*, argumenta que os conflitos político-culturais que opõem grupos como os islâmicos às comunidades queer, assim como a moral religiosa à diversidade de gênero, devem ser analisados a partir dos “enquadramentos” que polarizam e naturalizam as identidades. Para a autora, o enquadramento de guerra reduz a diversidade interna entre os polos, antagonizando as posições políticas. Em contextos políticos liberais e multiculturais, pautas LGBTQIAPN+ são frequentemente desvalorizadas em detrimento das posturas religiosas repressivas. Esse conceito também pode ser aplicado à realidade brasileira, onde há uma persistente polarização política, especialmente no que diz respeito ao conservadorismo religioso, predominantemente nas igrejas evangélicas. Em um cenário onde valores fundamentalistas são amplamente defendidos, questões como a homossexualidade são frequentemente tratadas como tabus e comportamentos que devem ser desencorajados, com a ideologia religiosa se sobrepondo aos direitos civis de grupos marginalizados.

Essa problemática é ampliada pelo conservadorismo das comunidades religiosas, onde discursos homofóbicos são mascarados como cuidado espiritual, gerando impactos psicológicos profundos. Apesar de a prática de conversão também estar presente em outras vertentes religiosas, como o protestantismo mais tradicional, a igreja evangélica se destaca como o centro dessa problemática devido à sua abordagem mais direta, emocionalmente carregada e frequentemente institucionalizada. Os processos de conversão que ocorrem dentro das organizações evangélicas não apenas reforçam estruturas de opressão, mas também negligenciam o valor da diversidade humana, transformando a espiritualidade em uma ferramenta de controle, opressão e exclusão. Enquanto algumas pessoas, como Apolo, conseguem ressignificar sua relação com a fé, distanciando-se da religião institucional, outras

relatam rupturas dolorosas com suas comunidades e famílias, revelando a complexidade e os danos que essas intervenções causam tanto no nível individual quanto coletivo. Essas vivências não só destacam a violência contra a comunidade queer, mas também apontam para a urgência de promover espaços de acolhimento e aceitação, onde a fé e a identidade possam coexistir sem que uma seja negada em detrimento da outra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das entrevistas realizadas com quatro pessoas queer que vivenciaram processos de conversão religiosa revelou três categorias centrais que sintetizam os principais achados do estudo: “Inferno, perdão e misericórdia”, “Religiosidade x Espiritualidade” e “Pressão religiosa e os processos de conversão”.

A primeira categoria destacou a centralidade do medo do inferno como ferramenta de controle e coerção moral, profundamente enraizada nos discursos religiosos fundamentalistas. Os relatos dos participantes evidenciam que, desde a infância, foram expostos à ideia de punição eterna como consequência direta de suas identidades sexuais e de gênero não normativas. Esse medo, muitas vezes associado a um Deus punitivo e distante, gerou sentimentos intensos de ansiedade, culpa e autodepreciação. A busca por perdão foi uma constante nos relatos, refletindo tentativas dos entrevistados de suprimir ou modificar suas identidades a fim de alcançar a aceitação divina. A misericórdia, por sua vez, surgiu de forma ambígua: para alguns, representou uma via de libertação e aceitação pessoal; para outros, reafirmava a lógica da submissão espiritual à norma heterocisgênera.

A segunda categoria abordou a distinção entre religiosidade institucionalizada e espiritualidade pessoal. Os entrevistados demonstraram trajetórias distintas frente à fé: enquanto Apolo conseguiu ressignificar sua relação com o cristianismo por meio de uma espiritualidade inclusiva, dissociada da rigidez doutrinária, Monarca optou pelo afastamento total da religião, passando a construir seus próprios valores éticos e existenciais. Essa cisão entre espiritualidade e religiosidade institucional aponta para uma forma de resistência subjetiva ao discurso normativo e excludente das igrejas, permitindo a elaboração de experiências de fé não subordinadas à heteronormatividade.

A terceira categoria, “Pressão religiosa e os processos de conversão”, revelou a forma como líderes religiosos e instituições impõem normas rígidas sobre a sexualidade, promovendo práticas que buscam suprimir identidades queer. Os entrevistados relataram ter sido submetidos a ameaças de exclusão comunitária, exigências de celibato e pregações moralistas que

reforçavam a ideia de pecado e condenação. Em um dos casos, foi descrita a participação forçada em um retiro espiritual com práticas coercitivas, como dramatizações de possessão demoníaca e rituais simbólicos de purificação, que provocaram exaustão física e psicológica. As consequências dessas práticas incluíram isolamento social, rompimento de vínculos afetivos e profundos impactos emocionais.

Ainda que apenas dois participantes tenham vivenciado diretamente práticas de terapias de conversão, todos os relatos evidenciam os efeitos nocivos desses discursos religiosos, que operam como formas de violência simbólica e exclusão social. As experiências compartilhadas revelam o sofrimento gerado pela tentativa de adaptação a uma normatividade imposta, a negação de sua identidade e a imposição de comportamentos incompatíveis com seu modo de ser. A predominância das igrejas evangélicas entre as instituições citadas pelos entrevistados ressalta o papel de determinadas vertentes cristãs na promoção ativa desses processos, caracterizados por um fundamentalismo que se coloca em oposição à diversidade sexual e de gênero.

De maneira mais ampla, os achados demonstram que a religiosidade pode atuar tanto como mecanismo de controle social quanto como espaço potencial de transformação quando ressignificada, evidenciando a complexidade das interações entre fé, identidade e sociedade. Dessa forma, os achados da pesquisa apontam para o uso da religiosidade como instrumento de controle social e apagamento identitário, reiterando a urgência de promover espaços de acolhimento em que fé e identidade queer possam coexistir sem antagonismos. O estudo evidencia os danos psicológicos e sociais provocados pelas práticas de conversão, reforçando a importância de combater tais intervenções e ampliar o debate público sobre a legitimidade e a dignidade das vivências queer dentro dos espaços religiosos.

Esta pesquisa apresenta algumas limitações que devem ser consideradas na análise de seus resultados. A principal delas refere-se ao número reduzido de participantes: apenas quatro pessoas queer foram entrevistadas, o que limita a generalização dos achados. Essa limitação está relacionada, sobretudo, à sensibilidade do tema abordado, ainda considerado um tabu social, o que pode ter dificultado o recrutamento de participantes dispostos a compartilhar experiências tão íntimas e, muitas vezes, dolorosas.

Além disso, todas as experiências relatadas dizem respeito a instituições religiosas cristãs, especialmente de vertente evangélica, o que restringe a compreensão do fenômeno da conversão em outros contextos religiosos. Também se observa que a pesquisa se concentrou em pessoas jovens, o que, embora tenha fornecido importantes reflexões sobre os impactos da

conversão na juventude queer, deixa em aberto a investigação sobre como essas experiências se dão em outras fases da vida.

Diante dessas limitações, sugere-se que estudos futuros ampliem a amostra, incluindo um número maior e mais diverso de participantes, de diferentes faixas etárias, regiões geográficas e contextos religiosos. Investigações longitudinais também podem ser relevantes para compreender os efeitos de longo prazo das experiências de conversão na saúde mental e nas relações sociais de pessoas queer. Além disso, seria valioso incluir análises comparativas entre diferentes tradições religiosas e abordagens pastorais, assim como a perspectiva de lideranças religiosas que atuam tanto na promoção quanto na crítica a essas práticas. Tais aprofundamentos podem contribuir para uma compreensão mais ampla, interseccional e crítica sobre os processos de conversão e suas implicações na vida de pessoas LGBTQIAPN+.

A relevância desta pesquisa está em dar visibilidade a um tema ainda marginalizado na sociedade e na academia: os impactos psicossociais dos processos de conversão religiosa em pessoas queer. Ao expor as formas de violência simbólica e institucional praticadas por algumas vertentes religiosas, o estudo contribui para desconstruir discursos normativos excludentes, promover a valorização da diversidade sexual e de gênero, e fomentar debates sobre direitos humanos, saúde mental e liberdade religiosa, especialmente no contexto de comunidades historicamente oprimidas.

Por fim, com base na discussão realizada nesse estudo cabe refletir: o que é mais pecaminoso: viver autenticamente no amor pela própria identidade ou submeter-se a um sistema que apaga a própria essência e luz? Como afirma a Bíblia: “Aquele que não ama a Deus não conhece a Deus, porque Deus é amor” (Romanos 4:8), ressaltando que o amor, em sua essência, deve ser inclusivo e acolhedor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 50, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8650718>. Acesso em: 8 dez. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016*. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Brasília, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. Ohio: Editora XYZ, 1993.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- DELUMEAU, Jean. *A história do medo no Ocidente*. Tradução de Ana Maria M. O. de A. Mattos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão [1927]. In: FREUD, S. *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- GARCIA, Rafael. *Queer: a historicidade da palavra em... do movimento... antes da teoria*. Salvador, 2021.
- GOMES, A. A. Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião. *Revista Ciências da Religião - História e Sociedade*, v. 9, n. 2, 2011. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/3341>. Acesso em: 8 dez. 2024.
- GOMES, A. M. A. Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião. São Paulo, 2011.
- ISAY, Richard A. *Tornar-se gay*. São Paulo: Edições GLS, 1998.
- JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 28, p. 19–54, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 8 dez. 2024.
- YAGO, D. F.; BÁRBARA, N. C.; PADILHA, T. M. Os impactos psicológicos em pessoas que vivenciaram o processo de cura gay. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, São Caetano do Sul, 2022.